



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

**ENSINO REMOTO E INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: UM RELATO DE TRÊS
PIBIDIANOS**

**REMOTE TEACHING AND TEACHING INITIATION: A REPRESENTATION OF
THREE PIBIDIANS**

Shara Maria Venâncio Silva¹ (UEG-INHUMAS)
Matheus Eduardo da Silva Vieira² (UEG-INHUMAS)

Resumo:

O 5º período de Letras é um divisor de águas na vida de qualquer acadêmico, pois, nessa fase, os discentes começam a encarar a realidade de estar se tornando um docente e isso tudo se inicia principalmente com o primeiro estágio supervisionado e a orientação de estágio. Para facilitar na formação de professores, que tenham conhecimento de sua missão quando assumirem uma sala de aula, existem projetos como o PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência), porém com a proliferação do novo coronavírus a educação passou a ser remota, o que causou diversas mudanças no jeito de ver e pensar a educação. Pensando na importância do estágio e da preparação de profissionais de qualidade e nas novas formas de ensino que foram utilizadas em decorrência da pandemia, o presente trabalho tem como objetivo de arrolar sobre as experiências de três PIBIDianos que acabaram de passar pelo primeiro estágio supervisionado e do PIBID de língua inglesa que ocorreu em Goianira, enquanto o estágio supervisionado de língua portuguesa e inglesa ocorreram em uma escola de Inhumas. O método de pesquisa utilizado é o observacional, pois se baseia nas inquirições dos autores deste trabalho e em suas experiências no processo de formação como professores de idiomas e de língua portuguesa.

Palavras-chave: Estágio. PIBID. Ensino de línguas.

Abstract:

The 5th period of Literature is a watershed in the life of any academic, as, at this stage, students begin to face the reality of becoming a professor and this all starts mainly with the first supervised internship and the orientation of Internship. To facilitate the training of teachers, who are aware of their mission when they take over a classroom, there are projects such as PIBID (Institutional Teaching Initiation Program), but with the proliferation of the new coronavirus, education became remote, which caused several changes in the way of seeing and thinking about education. Thinking about the importance of the internship and the preparation of quality professionals and the new forms of teaching that were used as a result of the pandemic, this paper aims to list the experiences of three PIBIDians who have just gone through the first supervised internship and the English-speaking PIBID that took place in Goianira while the supervised internship in Portuguese and English took place at a school in Inhumas. The research method used is observational, as it is based on the inquiries of the authors of this work and on their experiences in the training process as language and Portuguese language teachers.

1 Bacharela em Direito; Licencianda em Letras. UEG Unidade Universitária de Inhumas. E-mail: sharamariavenancio@gmail.com.

2 Licenciando em Letras. UEG Unidade Universitária de Inhumas. E-mail: matheus.vieira@aluno.ueg.br.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Key words: Internship. PIBID. Teaching languages.

Introdução

É a partir do 5º período que nossas vidas como acadêmicos de licenciatura muda, ele se torna um divisor de águas, pois é neste período do curso que damos início a uma grande fase, fase essa de saber se estamos prontos/aptos a sermos docentes, começamos a encarar a realidade de uma sala de aula, sentimos as primeiras sensações, ou até mesmo frustrações, vem o medo e a insegurança principalmente com o primeiro estágio supervisionado e a orientação de estágio. É nesse período que os aspirantes a professores dão os seus primeiros passos no “chão das escolas” do lado do quadro, e nem sempre os discentes estão prontos para essa mudança.

Esse desafio de se colocar no lugar de professor se agravou com atual tempo de pandemia e o distanciamento social imposto pelo novo coronavírus, colocou tanto os alunos quanto os professores impossibilitados de compartilharem suas experiências/vivências uns com os outros em um espaço comum, fazendo com que a escola se migrasse para um ambiente familiar e digital. O grande problema do meio remoto é que discentes como nós, que nunca tivemos a vivência da sala de aula, a pandemia impôs uma barreira muito difícil de atravessar: como ensinar e desenvolver material didático para um alunado que não conhecemos suas vivências e as suas realidades?

Para solucionar esse problema os professores do estágio e da orientação organizaram um primeiro contato entre os estagiários e o grupo escolar dos colégios do estágio (Colégio Antônio Augusto do Carmo e outros colégios estaduais do município de Inhumas), dessa forma, começamos as atividades de estágio com a elaboração de questões para uma roda de conversa com professores, gestores e alunos das escolas estaduais parceiras localizadas no município de Inhumas-GO. Nessa reunião, nós tivemos a oportunidade de conhecer melhor as escolas em que iríamos trabalhar, qual era a realidade dos alunos e como as atividades remotas estavam sendo feitas.

Além da pandemia, outro ponto que torna esse estágio diferente é o fato de os três autores deste texto serem bolsistas do PIBID, então, o presente trabalho tem como objetivo narrar as experiências de três PIBIDianos em seu primeiro estágio supervisionado. Esperamos que essa narrativa colabore melhor fruição e compreensão dos desafios da formação de novos



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

professores e que estejam prontos para corresponderem às expectativas e cobranças que os tempos modernos exigem.

O trabalho possui sua organização em tópicos, nos quais cada um possui um relato sobre nossa caminhada de introdução às salas de aula, os tópicos são: Conhecendo a escola; Sobre as aulas e reuniões do estágio; Tecendo conexões entre o estágio e o PIBID e Conclusão.

Conhecendo a escola

O colégio Antônio Augusto do Carmo em que estamos estagiando passou por momentos muito difíceis durante a pandemia, com relação a adaptação de discentes e docentes a nova modalidade de ensino: o REANP (Regime especial de aulas não presenciais). Quanto a ministração das aulas, a maior parte delas ficou concentrada no *WhatsApp*, com algumas aulas síncronas pelo *Google Meeting* ou pelo *Zoom*, porém mais ou menos 60% dos alunos não conseguiam acessar a essas aulas, além disso, alguns estudantes que vivem em áreas rurais não conseguiam sequer acompanhar as atividades assíncronas por meio do *WhatsApp*. Para que os alunos não fossem tão prejudicados, as vans do transporte escolar, que antes levavam os alunos, agora levam e buscam as apostilas de atividades para o alunado que vivem em regiões mais distantes pudessem ser assistidos de alguma forma e não terem sua aprendizagem tão prejudicada. As informações acima foram obtidas em duas rodas de conversas realizadas durante a disciplina de Orientação de Estágio, a partir destas podemos conhecer de perto a realidade de nosso alunado.

Outra decisão que foi tomada pelas escolas estaduais foi o apadrinhamento de turmas e a busca ativa. O professor que apadrinha uma turma fica responsável por ligar para todos os alunos da turma pelo menos uma vez ao mês, perguntando para o estudante sobre como estão sendo feitas as atividades *online* e se o aluno precisa de ajuda e qual seria a melhor forma dos professores auxiliarem. Os alunos também se articularam com a criação de grupos de *WhatsApp* para discutirem e tirarem dúvidas entre si e se ajudarem mutuamente o que mostra como a empatia foi importante para que o ensino e aprendizagem seja mais profícuo nesse período de anormalidade que passamos.

As vidas perdidas causadas pela pandemia e a dificuldade de acesso dos alunos tornam a luta mais árdua, mas o grupo escolar e a comunidade em geral se uniram para tentar amenizar



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

esses problemas. Os professores e grupo gestor do Colégio Antônio Augusto fizeram um projeto para a arrecadação de celulares para os alunos que não possuíam condições de comprar/terem um aparelho para que pudessem acompanhar as postagens nos grupos de *WhatsApp* e tentarem realizar suas atividades. Outro ponto a ser salientado é que os coordenadores tem ficado na escola recebendo os pais ou responsáveis dos alunos que precisam utilizar os computadores da escola ou até mesmo a rede *wifi* para realização das atividades, fazendo com que os alunos não percam por total seu rendimento.

Durante o processo de adaptação/adequação do corpo docente os professores relataram diversos problemas entre os quais estão as dificuldades de acessar e utilizar as novas tecnologias, mostrando que havia falta de um letramento digital, outro ponto ponderado pelos professores foi a dificuldade de produzir material didático para auxiliar os alunos.

O que facilitou um pouco a situação foi um projeto de tecnologia desenvolvido antes da pandemia que possibilitou a estes profissionais um conhecimento “pequeno” e prévio para não ficarem ainda mais perdidos com as novas formas de letramento. Para os alunos, a maior dificuldade são as distrações do celular, que às vezes fazem com que percam o foco, e as dificuldades em acessarem os sites e fazerem as atividades online. Sobre essas mudanças vejamos a explicação das professoras Selma Maria Abdala Dias Barbosa e Patrícia Fabiana Bedran:

Partimos do pressuposto de que os professores aprendizes não entram na academia prontos emocionalmente e decididos a se tornarem professores de línguas, bastando apenas a introdução e o contato com os saberes científicos. É necessário criar espaços para explorar as identidades dos professores em sala de aula, em disciplinas que podem e devem contemplar essa temática, de forma a propiciar, aos professores em formação inicial, autoconhecimento e conscientização sobre a sua identidade e sobre os fatores que estão diretamente relacionados a ela, o que, conseqüentemente contribui para a formação crítica e reflexiva desses futuros profissionais no que se refere à (re)construção de identidades e à sua atuação profissional nos diferentes contextos da língua. (BARBOSA, BEDRAN, 2017, p. 68)

Foi/Está são palavras para definir o este período que está sendo de muita tensão e cobrança, os professores têm sido muito cobrados tanto pelos pais dos alunos quanto pela secretaria de educação. Nesse sentido, duas palavras têm sido a base para o bom aproveitamento das aulas: o ouvir e o explicar, pois é preciso ouvir as necessidades dos alunos e professores



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

para resolver os problemas e explicar aos pais sobre como vão ser ministradas as aulas e as atividades. Em todos os casos, o diálogo e uma boa metodologia são a base de tudo.

Sobre as aulas e reuniões do estágio

As reuniões para orientação dos estágios em língua portuguesa e língua inglesa ocorreram nos dias de segunda e terças-feiras com todos os grupos a princípio, foi apresentado durante o primeiro encontro a sistematização das orientações em ambas disciplinas.

Durante o período de reuniões em conjunto com os demais grupos, foram realizados estudos e discussões da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em ambas disciplinas, nós conhecemos um pouco sobre esta normativa que regulamenta o ensino, e instrui para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas em todos os níveis de ensino.

Posteriormente fomos divididos em horários, e fomos instruídos a elaborar materiais didáticos para as turmas de 7º e 8º anos da escola parceira. Para disciplina de língua portuguesa, dentre os temas disponíveis, optamos por trabalhar sobre "*Artigo*", fizemos a confecção do material e recebemos as correções até chegarmos à versão final. Na disciplina de língua Inglesa, optamos por trabalhar questões com temas diversos para cada turma. No 7º ano trabalhamos exercícios relacionados sobre o Verbo *To be*

Já para a turma do 8º ano, optamos por trabalhar questões voltadas ao meio ambiente (*Environment*), nestas questões tivemos um pouco de dificuldade para elaboração. Quanto à elaboração das atividades as de língua portuguesa não encontramos dificuldades para elaborar, enquanto na de língua inglesa tivemos dificuldade pois, primeiramente optamos por trabalhar temas com ambas turmas. Após reunião com o professor orientador optamos por reformular as atividades do 7º ano, nas atividades do 8º tivemos dificuldades, quanto ao nível das questões e na forma que foram elaboradas essas dúvidas foram sanadas durante as devolutivas e na reunião com o orientador.

O que possibilitou o cumprimento do estágio foi o diálogo constante entre as duas matérias de estágio e o PIBID. Muitos dos textos e discussões que tivemos durante esse período colaboraram para a elaboração do material didático e para a compreensão da realidade de ser um professor tanto de inglês quanto de português.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

O artigo *Educação linguística crítica e identidades sociais de raça*, da professora Aparecida de Jesus Ferreira (2018), foi de suma importância, pois nos mostrou como poderíamos organizar na confecção do material didático como no trecho:

Após a avaliação, início com os graduandos a produção de uma unidade didática. Quando finalizam o processo, que é feito em etapas e com várias revisões, os/as graduandos/as analisam as produções dos colegas e postam seus pareceres. Quando penso na proposição dessa atividade, a questão principal que me interessa é que o/a professor/a em formação possa se ver como produtor/a de seu próprio material didático e não somente como consumidor/a de livros didáticos. (FEREIRA, 2018, p. 45)

Durante o período de estágio também lemos o livro *Materiais didáticos em línguas com foco na diversidade étnico-racial* que possui vários planos de aula. Além disso, os textos como: “*Uma conversa sobre movimentos decoloniais nas vivências do estágio de inglês na escola pública*” e “*O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética?*” levaram-nos para uma reflexão crítica sobre as causas docentes e a importância de se pensar em uma educação crítica e decolonial na educação, outro texto que mobilizou várias reflexões sobre uma educação humanizadora é o artigo “*Os buracos da lousa*” que estudamos e refletimos no PIBID, mas a discussão desse último texto fica para o próximo tópico em que teceremos ligações entre o estágio e o PIBID e como a união dos dois contribuiu para o melhor aproveitamento da iniciação à docência.

Tecendo conexões entre o estágio e o PIBID: uma conclusão

A iniciação à docência é algo que preocupa qualquer discente que ingressa em um curso de licenciatura, para o curso de Letras não é diferente e para que essa experiência seja mais proveitosa foram criados projetos como o PIBID que focam na iniciação à docência e a formação de professores mais bem preparados para a escola. Sendo assim, o PIBID foi de suma importância para o enfrentamento desse primeiro estágio, pois possibilita que o discente



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

compreenda melhor as necessidades da escola e principalmente que saiba ouvir as necessidades de seus alunos e o que fazer para resolver o problema.

O ato de ouvir é muito importante para a formação de qualquer ser humano, pois é pelo ouvir que podemos compreender o outro e podemos aprender com o outro. A atual pandemia é uma prova de como o ambiente externo influencia no aprendizado e refletir sobre isso é um passo importante para compreender como devemos agir em sala de aula. Um texto que nos ajudou a compreender isso foi *O buraco da lousa* de Silvia Elizabeth de Moraes, que narra a história de Marlene, uma discente que ousou pesquisar sobre o problema dos buracos da lousa da escola em que ela trabalhava que estava atrapalhando no ensino de seus alunos. A partir de um problema na esfera micro (a lousa de seu colégio), Marlene teceu relações com problemas maiores que influenciam na vida de pessoa em uma esfera global, ou seja, ela sai de um ponto micro para o macro. Esse texto foi um divisor de águas, pois mostrou que ensinar vai muito além de uma compreensão mecânica, é levar em conta tudo que engloba o mundo do aluno e as suas necessidades, pois, como bem diz a professora Rosa da Silva:

A escola não é uma imitação da vida, ela é a própria vida. Coisas de verdade acontecem, cotidianamente, dentro de nossas salas de aula, com pessoas de verdade. Não podemos ficar neutros/as e fingir que está tudo bem em continuar ensinando estruturas linguísticas apenas [...] (ROSA-DA-SILVA; ROQUE, p.138, 2020)

No entender de Moraes (2006) é preciso compreender mínimo para entender o macro, assim é a docência, o caminho que escolhemos trilhar, precisamos ouvir para transformarmos o mundo em lugar menos desigual. Acredito que o texto de Moraes abriu nossas mentes para compreender que ensinar é algo rizomático, multidisciplinar entre outros termos e se escolhemos cursar Letras é pelo dom que o Pai Celestial nos deu, o dom de transformação de vidas pela educação.

Considerações finais

As consequências deste período pandêmico serão tristes para o ensino de línguas e saber que muitos jovens não possuem condições de acompanhar as aulas e terem um ensino de qualidade por falta de aparatos tecnológicos entristece qualquer licenciando (a) e a comunidade em geral. Acreditamos que a maior lição como estagiários/futuros professores, que



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

estamos/levaremos deste período foi a falta de estarmos no “chão da escola”, termos o contato direito com nossos alunos.

Ambos estágios proporcionaram experiências únicas. No estágio supervisionado só de saber que poderíamos contribuir de alguma forma, essa sendo a produção de materiais didáticos, tivemos o sentimento que mudamos uma pequena parcela com uma pequena contribuição. Em relação ao PIBID, este está sendo uma experiência única, pois podemos compartilhar nossas vivências, refletir sobre os textos que são propostos e o mais importante, buscar aplicar um pouco das “trocas” durante nossas aulas como professores estagiários.

Referências

BARBOSA, S. M. A. D.; BEDRAN, P. F. **Espelho, espelho meu! Que professor sou eu? Investigando a identidade profissional de professores de língua na disciplina de estágio supervisionado em um curso de licenciatura em Letras**. Londrina. SIGNUM: Estudos Linguísticos. p. 65-95. 2017.

FERREIRA, A. de J. Educação linguística crítica e identidades sociais de raça. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professores/as universitários/as de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 41-48. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/eo4eq91g8fv6658/Perspectivas_criticas.pdf?dl=0&fbclid=IwAR2D41FSnvPiPXB4Y4ZqlEmQwnvPNMpvAZd1Fj6tLGvdW7jy5hNJ0Q9JIaI.

GABATELLI, A. L.; SOUZA NETO, M. (org). **Materiais didáticos em línguas com foco na diversidade étnico-racial**. Brasília, DF: Vila Brasil, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44537127/MATERIAIS_DID%C3%81TICOS_EM_L%C3%8DN GUAS_COM_FOCO_NA_DIVERSIDADE_%C3%89TNICO_RACIAL.

MENEZES DE SOUZA, L. M. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética?. In: JORDÃO, C. M.; et al. (Org.). **Formação “desformatada” práticas com professores de língua inglesa**. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 279-303.

MORAES, S. E. **Os buracos da lousa: reflexões sobre um tema de pesquisa**. Maranhão. Caderno de pesquisa UFMA, 2006.

ROSA DA SILVA, V.; ROQUE, H. F. Uma conversa sobre movimentos decoloniais nas vivências do estágio de inglês na escola pública. In: MASTRELLA DE ANDRADE, M. R. (org.). **(De)colonialidades na relação escola-universidade para a formação de professoras(es) de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 123-150. Disponível



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

em:

https://www.academia.edu/44910789/De_Colonialidades_na_rela%C3%A7%C3%A3o_Encontro_de_Letras_na_Universidade_para_a_forma%C3%A7%C3%A3o_de_professoras_e_de_L%C3%ADnguas.